

Significações do verbo “chegar” em um corpus de PB:

exploração dos processos cognitivos envolvidos em seus usos

Meaning extensions of “chegar” in a PB:

exploration of the cognitive processes related to its usages

Significados del verbo "llegar" en un corpus de BP:

exploración de los procesos cognitivos involucrados en sus usos

Maitê Moraes Gil

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório
(IFRS/Brasil)

Julia Ferri Pinto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório
(IFRS/Brasil)

Vitor Angelo dos Santos Gouvêa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório
(IFRS/Brasil)

RESUMO

Este artigo objetiva caracterizar as significações do verbo “chegar” no PB por alunos de EMI em seus textos. Parte-se de estudos sobre metáfora conceitual, metonímia e categorização, e dos princípios da Gramática Cognitiva. Analisou-se as ocorrências desse verbo no *Corpus TecEM*, as quais foram categorizadas de acordo com sua significação. Explorou-se os mecanismos responsáveis pelas extensões de sentido em relação às ocorrências prototípicas, identificando-se quatro grupos. Argumentamos que metáfora, metonímia e subjetificação são mecanismos complementares no processo de extensão de sentido. Parece, ainda, haver um contínuo entre o significado

* Sobres os autores, ver página 20



mais concreto e o mais abstrato, indicando um processo de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: Significações de “chegar”; Gramática Cognitiva; Processos cognitivos.

ABSTRACT

We aim to present a characterization of the meaning expansion of “chegar” in BP by students in their texts. We start from studies about conceptual metaphors, metonymies and categorization, and from the principles of Cognitive Grammar. We analyzed the occurrences in TecEM Corpus, which were categorized according to their meanings. The figurative mechanisms responsible for the conceptual organization were described, revealing four groups of meanings. We argue that metaphor, metonymy, and subjectification are complementary mechanisms in these meaning extension processes. It seems to be a continuum from the most concrete meaning to the most abstract one, indicating a grammaticalization process.

KEYWORDS: *Meaning expansion of “chegar”; Cognitive Grammar; Cognitive processes.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo caracterizar los significados del verbo “llegar” en BP por los estudiantes de EMI en sus textos. Comienza con estudios sobre metáforas conceptuales, metonimia y categorización, y los principios de la gramática cognitiva. Analizamos las ocurrencias de este verbo en Corpus TecEM, que se clasificaron según su significado. Se exploraron los mecanismos responsables de las extensiones de significado en relación con los eventos prototípicos, identificando cuatro grupos. Argumentamos que la metáfora, la metonimia y la subjetivación son mecanismos complementarios en el proceso de extensión del significado. También parece haber un continuo entre el significado más concreto y el más abstracto, lo que indica un proceso de gramaticalización.

PALABRAS CLAVE: *Significados de “llegar”; Gramática cognitiva; Procesos cognitivos.*

1 Primeiras palavras

A Linguística Cognitiva (LC) é um paradigma teórico que se fortaleceu a partir de 1980 e cujos estudos estão cada vez mais difundidos. Há, especialmente, duas grandes frentes de estudos na área: Semântica Cognitiva e abordagens cognitivas à gramática. Apesar de haver, no Brasil, estudos em ambos grupos (TENUTA; COELHO, 2018, entre outros¹), aqueles inseridos no primeiro são mais recorrentes, mesmo que ainda representem um campo fértil para novas investigações. As descrições de línguas baseadas nos pressupostos da Gramática Cognitiva, por outro lado, ainda são incipientes em relação ao Português Brasileiro (PB). Tais descrições têm se mostrado

¹ Revistas com números especiais dedicados a estudos na área também estão disponíveis, a exemplo da *Organon*, n. 43, v. 21, 2007 e da *D.E.L.T.A.*, n. especial, v. 26, 2010.

produtivas para a compreensão de usos linguísticos e suas implicações semânticas, em especial no inglês, língua sobre a qual há muitas produções acadêmicas (RADDEN; DIRVEN, 2007; DIRVEN; VERSPOOR, 2009, entre outros).

Diante disso, o presente trabalho tem como principal objetivo ampliar a exploração das abordagens cognitivas à gramática em estruturas da língua portuguesa. Mais especificamente, faremos uma análise da expansão de sentidos do verbo “chegar” em textos escritos por alunos de ensino médio integrado a cursos técnicos de Institutos Federais localizados no Rio Grande do Sul.

As características do corpus investigado² também configuram um espaço recente de investigação. Justificamos o nosso interesse com o entendimento de que as descrições de usos da língua em textos escritos em aulas de língua portuguesa são um passo importante para que novas abordagens pedagógicas possam ser propostas, considerando as contribuições de teorias linguísticas, como a Linguística Cognitiva, neste caso, para o ensino de línguas.

2 Bases teóricas

A LC é mais bem descrita como uma abordagem e não como uma teoria. Ela se constitui como uma abordagem que tem alguns compromissos e princípios orientadores que articulam diferentes teorias. Esses compromissos, apresentados por Lakoff (1990), são o Compromisso da Generalização e o Compromisso Cognitivo. O primeiro assume que os postulados em uma área de estudos da linguagem devem estar em sintonia com os postulados das demais áreas; enquanto o segundo representa a visão da LC de que os princípios que regem o funcionamento da linguagem humana devem ser psicologicamente plausíveis e devem estar em consonância com os pressupostos e achados de outras áreas das ciências cognitivas. Alinhados a esses compromissos, Lakoff e Johnson (1999) incluem um terceiro compromisso: o da Evidência Convergente. Segundo ele, uma teoria sobre conceitos e razão adequada deve estar comprometida com a busca por evidências convergentes de tantas fontes quantas forem possíveis.

Neste contexto teórico, para o presente estudo, alguns desses pressupostos se mostram fundamentais. São eles: a abordagem da Gramática Cognitiva, processos cognitivos responsáveis pela expansão de sentidos e a noção de gramaticalização, os quais serão brevemente explorados nesta seção. Podemos citar, pelo menos, duas grandes correntes nas abordagens cognitivas à gramática: as gramáticas das construções, de Lakoff, Fillmore, Goldberg e Croft, e a Gramática Cognitiva, de Langacker. Sobre as gramáticas das construções, Croft (2007) afirma que “gramática das construções (com letras minúsculas) [...] se refere a um grupo de teorias gramaticais da linguística cognitiva, das quais apenas algumas se tornaram conhecidas pelo nome de Gramática das Construções (com letras maiúsculas)” (p.463). O princípio fundamental por trás de tais abordagens é que a forma básica de uma estrutura sintática é uma construção, isto é, o conjunto de uma estrutura gramatical complexa com o seu significado (CROFT, 2007). A Gramática Cognitiva, por

² <https://web.osorio.ifrs.edu.br/pesquisa/corpuotecem/>

sua vez, é associada a Ronald Langacker e busca descrever os mecanismos e princípios cognitivos que motivam e licenciam a formação e o uso de unidades linguísticas em vários graus de complexidade.

Mesmo apresentando dispositivos teóricos e constructos descritivos distintos, as diferentes abordagens cognitivas à gramática têm pontos em comum. Langacker (2007, p.421), ao elencar ideias básicas presentes nas diferentes abordagens cognitivas à gramática, argumenta que três entendimentos merecem destaque: (i) as construções (e não regras) são os objetos primários de descrição; (ii) léxico e gramática não são distintos, mas um *continuum* de construções (combinações de formas-significados); e (iii) as construções estão relacionadas em redes de herança (ou categorias).

Para este estudo, alinhamo-nos à abordagem da Gramática Cognitiva, por compartilharmos da compreensão desta abordagem de que fatores relacionados aos *construals* (tais como o perfilamento de diferentes elementos) devem ser considerados na representação dos significados.

Langacker argumenta, ainda, que as classes fechadas ou gramaticais são inerentemente significativas. O autor assume que tanto as chamadas classes fechadas quanto as abertas pertencem a um único inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, o qual representa o conhecimento da linguagem na mente do falante, originando o *continuum* entre léxico e gramática. Nesse modelo, o entrenchamento e a convencionalidade emergem do uso, por isso a Gramática Cognitiva é, por vezes, chamada de modelo de gramática baseado no uso.

Uma reivindicação central na Gramática Cognitiva é o fato de que apenas estruturas simbólicas devem ser postuladas para a caracterização do léxico e da gramática (LANGACKER, 2007, p. 431). Essa compreensão, que leva a uma visão simbólica da gramática, implica que os elementos, as estruturas e os constructos utilizados para a descrição gramatical devem ser significativos, assim como itens lexicais. Nesse cenário, além das noções de arquétipos conceituais e habilidades cognitivas básicas, presentes especificamente nas descrições da Gramática Cognitiva, tornam-se relevantes processos que atuam na extensão de sentidos das estruturas gramaticais. Para este estudo, é importante considerarmos, em especial, a metáfora e a metonímia.

Outro ponto importante para a presente análise é a gramaticalização, a qual é entendida como um processo em que uma construção é inovada sincrônica e diacronicamente de acordo com as necessidades pragmático-discursivas e cognitivas dos falantes, passando a assumir funções gramaticais ou ainda mais gramaticais. Dentro de um *continuum* que polariza o que há de mais gramatical e o que há de mais lexical em uma língua, o processo de gramaticalização diminui a “lexicalidade” de uma dada construção, até que ela adquira traços (mais) gramaticais. As bases eminentemente pragmático-discursivas e semânticas desse processo o tornaram ponto de interesse para a Linguística Cognitiva (SILVA, 2012).

Um processo que desempenha papel importante nas abordagens cognitivistas e funcionalistas à gramaticalização é a subjetificação, isto é, a tendência para o envolvimento do conceptualizador naquilo que diz. Este é, também, um conceito compreendido a partir de pontos de vista distintos. A visão adotada por este estudo está em consonância com Langacker (2007), o

qual entende a subjetificação como um processo de debilitação ou atenuação da conceptualização objetiva de uma entidade.

3 Detalhamento do estudo

Conforme mencionado anteriormente, a fim de ampliar a exploração das abordagens cognitivas à gramática em estruturas do PB, este estudo teve como foco o uso do verbo “chegar” em textos escritos por alunos de Ensino Médio integrado a cursos técnicos de Institutos Federais localizados no Rio Grande do Sul. Justificamos a escolha por este verbo, a partir das dificuldades comumente apresentadas pelos alunos no que diz respeito à sua regência. É comum observarmos o uso da construção “chegar em”, tanto na linguagem oral quanto na escrita de jovens alunos. De acordo com a Gramática Tradicional, essa construção representa um “erro”; entendemos, no entanto, que a Gramática Cognitiva pode levar a uma compreensão de tal uso, ao invés de condená-lo. Para tanto, o primeiro passo foi o levantamento e a descrição da expansão de sentidos dos usos do verbo “chegar”, que apresentamos neste texto.

Os verbos de movimento no PB não são um objeto de estudo totalmente novo, é possível encontrarmos trabalhos recentes sobre a sua natureza, inclusive sobre o verbo escolhido para ser analisado neste estudo - “chegar”. No entanto, a originalidade desta investigação está na descrição do comportamento de tal verbo em textos escritos em aulas de Língua Portuguesa a partir dos pressupostos da Gramática Cognitiva. A seguir, serão sintetizadas contribuições consideradas importantes para a análise aqui apresentada.

Bertucci e Foltran (2007) discutem sobre o comportamento do verbo “chegar” em construções com outro verbo seguido de preposição “a” ou não (chegar (a) + infinitivo). Os autores afirmam que o verbo “chegar” nesse contexto pode ser considerado um verbo auxiliar, o qual passou por um processo de gramaticalização em que perdeu partes de suas características lexicais, passando a possuir também informações gramaticais. Por fim, os autores alegam que, mesmo com este processo, tal verbo carrega, nas construções analisadas, o aspecto resultativo denotado pelo verbo principal. Já Ferreira (2011) disserta a respeito dos processos cognitivos que atuam no processo de gramaticalização de “chegar”, entre eles, a metáfora. As suas análises demonstraram que o verbo “chegar” é utilizado em diferentes situações e formas entre os falantes do PB, que são distantes do sentido prototípico e demonstram uma ampliação das possibilidades de uso do verbo, o que levou a autora a afirmar que esse verbo se encontra em processo de gramaticalização.

Em outro estudo, Pinheiro e Ferrari (2015) utilizam a Gramática das Construções e a Semântica Lexical para compreender a distribuição de valores dos verbos “aparecer”, “surgir” e “chegar” a partir do viés cognitivista. A partir dos estudos, segundo os autores, foi possível constatar as diferenças nos verbos estudados em relação à presença ou à ausência de elementos conceituais, ou seja, sua distribuição está ligada “à proeminência relativa desses elementos e ao *locus* do ponto de vista relevante para a conceptualização do evento” (PINHEIRO; FERRARI, 2015, p.33). Mais especificamente, entre outras afirmações, os autores destacam a necessidade de visualização de um percurso

em ocorrências do verbo “chegar”, e de um observador em estruturas com os verbos “aparecer” e “surgir”, sendo este observador presente *in loco* em usos de “surgir”. Vieira (2009), por sua vez, procura demonstrar a falta de coerência das normas da Gramática Tradicional em dar conta dos usos reais das preposições com os verbos “levar”, “vir” e “chegar”. A autora concluiu que os usos das diferentes preposições têm motivações semânticas e pragmáticas; ou seja, não são aleatórias, são intencionais.

Por fim, o estudo de Ribeiro (2004) é o que mais se assemelha ao aqui proposto, uma vez que explora as extensões metafóricas e metonímicas de sentido do verbo “ficar” dentro de um *corpus* de estudantes, assim como procura verificar se o mesmo encontra-se em processo de gramaticalização. Embora seu foco de estudo tenha sido outro verbo, sua exploração, norteadada pela Linguística Cognitiva, foi importante para embasamento da presente investigação.

A partir dos estudos mencionados acima e baseados nas concepções da Linguística Cognitiva, buscamos identificar as representações dos diferentes sentidos que o verbo “chegar” apresenta no *corpus* estudado, assim como as relações que os unem. Para tanto, foi realizado um estudo de caso das ocorrências do verbo “chegar” no *Corpus TecEM*. No momento da coleta de dados, o presente *corpus* era composto por 327 textos (118,099 palavras) escritos por alunos com idade entre 14 anos e 18 anos, durante o ano de 2017.

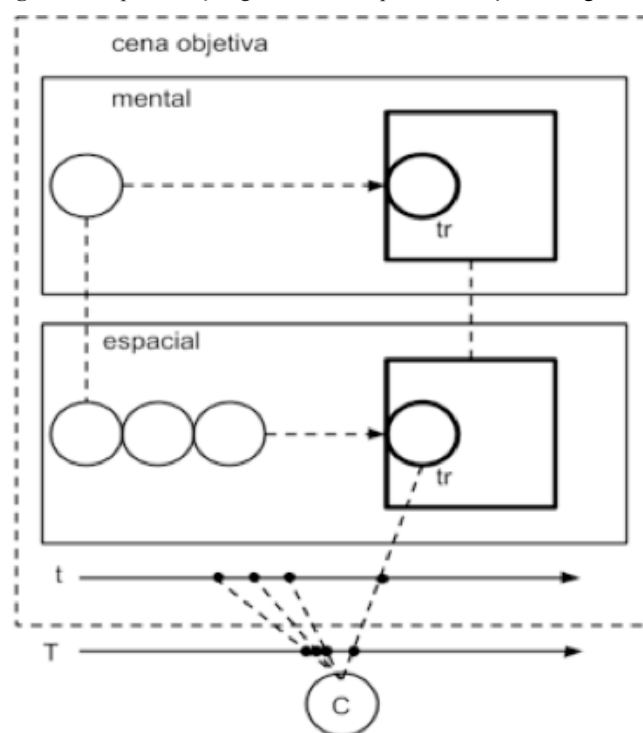
Ao longo dos procedimentos metodológicos, foi utilizada a ferramenta *Sketch Engine* para listar as ocorrências do verbo investigado, as quais constituíram um total de 280, que foram analisadas uma a uma e agrupadas de acordo com seus diferentes sentidos. A fim de possibilitarmos uma melhor análise e compreensão das ocorrências encontradas, organizamos uma divisão dos usos em grupos menores, os quais, ao mesmo tempo, possuem traços comuns de significação e outros que os diferenciam. A seguir, apresentamos um quadro-síntese desses sentidos.

Tabela 1. Grupos de sentidos do verbo “chegar”

Grupo	Extensões de sentido	Exemplo
1	→ Alcançar um lugar físico	Ocorrência 32: “[...]contava que se sentia feliz por ter conseguido chegar ao Brasil, ela dizia que provavelmente não[...]”.
2	→ Alcançar: a) Um lugar abstrato b) Um ponto no tempo	A) Ocorrência 146: “[...]a entrevista e depois de algumas perguntas chegamos ao assunto namoro, e então ela me contou como[...]”. B) Ocorrência 263: “[...]A vida de Rodrigo chega ao fim com o início de mais um confronto bélico[...]”.
3	→ Atingir uma meta	Ocorrência 95: “[...] Eles então sem chegarem a um acordo sobre aquilo trancaram a porta [...]”.
4	→ Verbo auxiliar: dá apoio aspectual à construção verbal (atingir/alcançar um evento)	Ocorrência 276: “[...]Confesso que não cheguei a terminar de ler Capitão Rodrigo[...]”

O primeiro grupo representa o centro prototípico do “chegar”, cujo sentido indica alcançar um determinado ponto físico. Como destacam Pinheiro e Ferrari (2015), a semântica do verbo “chegar” envolve dois elementos principais: o locativo, representado pelo quadrado nos desenhos a seguir, e a entidade locada, representada pelo círculo, os quais são sempre perfilados, noção que está expressa pelo destaque em negrito dos elementos. Além disso, na significação de tal verbo, está pressuposta a existência de um percurso da entidade locada até o locativo, que está representado pela seta pontilhada.

Figura 1. Representação gráfica do Grupo 1 - alcançar um lugar físico.



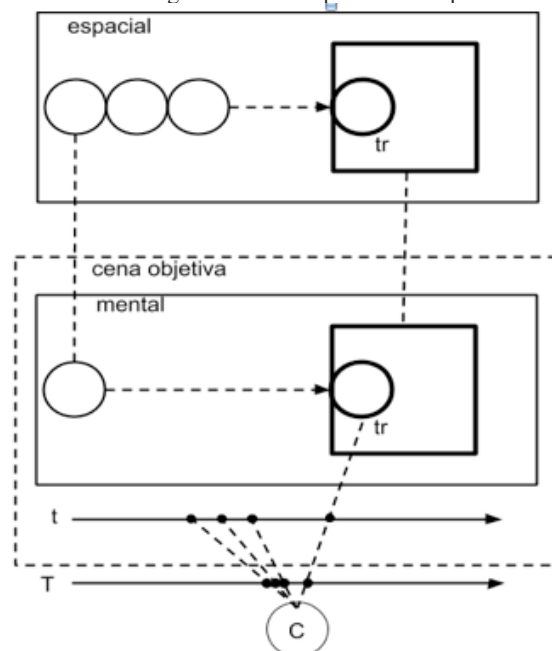
Em termos da Gramática Cognitiva, chamaremos a entidade locada de “trajector (tr)”, visto que ela é o participante foco da ação. Tanto o trajector quanto o locativo aparecem, na representação acima, em negrito, por serem os elementos perfilados nesta construção. Em consonância com Langacker (2011), em sua análise do processo de gramaticalização de “gonna” no inglês, argumentamos a existência de dois eixos temporais na representação de sentido desse verbo: o tempo concebido (t), o qual é um aspecto da cena objetiva, e o tempo de processamento (T), que desempenha um papel na conceptualização da situação descrita. É através do tempo de processamento que o conceptualizador retoma cognitivamente o deslocamento do trajector ao longo do percurso pressuposto. Nesses termos, “chegar” é compreendido como um verbo de *achievement*, isto é, representa um evento com fronteiras delimitadas em que o foco é o momento da culminação do movimento e que tem elementos

pressupostos de sua trajetória. Além disso, é importante destacar que este verbo é construído em consonância com o “esquema de movimento”, o qual, segundo Dirven e Verspoor (2009, p. 83), apresenta três elementos: “fonte, caminho e destino”. Ainda segundo esses autores, esse esquema pode ser compreendido de maneira literal (no sentido espacial), em sentido temporal, em sentido abstrato e através de interpretações metafóricas. Essas diferentes possibilidades de compreensão do esquema foram observadas nas explorações dos usos do verbo “chegar”, como será discutido a seguir.

Diante disso, podemos observar que, na construção de sentido do centro prototípico de “chegar”, o conceptualizador acompanha mentalmente o alcance do trajector ao locativo, o qual é um lugar concreto na dimensão espacial, tendo pressuposto o caminho percorrido pelo trajector até a culminação da ação no tempo concebido, a qual é situada, então, no tempo de processamento. Podemos afirmar, portanto, que, no primeiro grupo de sentidos de “chegar”, a situação é objetivamente construída, uma vez que a dimensão espacial é colocada dentro de cena como objeto focalizado e explícito de conceptualização. Veremos, a seguir, que o posicionamento da dimensão espacial na cena objetiva vai se alterando, o que resulta em um processo de subjetificação do verbo analisado.

O segundo grupo de sentidos se refere a alcançar um determinado lugar abstrato ou um ponto no tempo.

Figura 2. Representação gráfica do Grupo 2 – alcançar um lugar abstrato/um ponto no tempo



No uso do verbo “chegar”, a dimensão espacial vai se retirando gradualmente da cena objetiva, levando a novas nuances de sentido. No

segundo grupo apresentado na tabela, a dimensão espacial não está representada na cena objetiva, atuando como *background* interpretativo através da projeção dos seus elementos pelo conceptualizador na compreensão da ação descrita, evidenciado no desenho por sua saída do retângulo que representa a cena objetiva.

Em termos da Semântica Cognitiva, é possível compreender essa projeção como resultado de um processo metafórico. Começamos pela noção de tempo, a qual é, em si, um conceito compreendido através de mapeamentos metafóricos. tempo, segundo Lakoff (1992), faz parte de um conjunto de conceitos semânticos básicos considerados metafóricos, os quais frequentemente desempenham um papel importante na gramática das línguas. Em decorrência disso, o autor argumenta que a metáfora se torna também central para a gramática.

A partir da compreensão de tempo em termos espaciais por parte dos falantes, há diferentes processos de extensão metafórica dentro da língua que seguem a metáfora tempo é um objeto em movimento¹. Como resultado, há dois subcasos produtivos da mesma metáfora: por um lado, tempo é um objeto que se movimenta em nossa direção e, por outro lado, o tempo está parado e nós nos movemos através dele em direção ao futuro. Essa última compreensão parece licenciar as atualizações agrupadas no grupo de sentido 2, em que o trajector chega a um ponto no tempo (ex.: ao fim da vida).

A compreensão do locativo como lugar abstrato também pode ser compreendida como uma extensão metafórica do centro prototípico do verbo “chegar”. Nesse caso, a metáfora lugar abstrato é lugar físico possibilita as atualizações linguísticas nesse sentido (ex: chegar a um assunto ou a um capítulo do livro, tanto um quanto o outro são compreendidos como um lugar abstrato).

O fato de as duas extensões que compõem os grupo 2 de sentidos serem resultado de projeções metafóricas relativas à natureza do locativo justifica a escolha por apresentarmos uma mesma representação de sentido para ambas. Isto é, a dimensão espacial se retira da cena objetiva e passa a atuar como *background* interpretativo, preservando o esquema de movimento, porém permitindo novas compreensões para seus elementos (ex.: locativo).

O movimento observado na representação gráfica com o deslocamento da dimensão espacial indica o início do processo de debilitação semântica ou atenuação da concepção objetiva, considerado por Langacker (1999, 2006) responsável pela subjetificação das construções. Em contrapartida, tal processo reforça, de maneira gradual, a perspectiva subjectiva do conceptualizador da ação descrita.

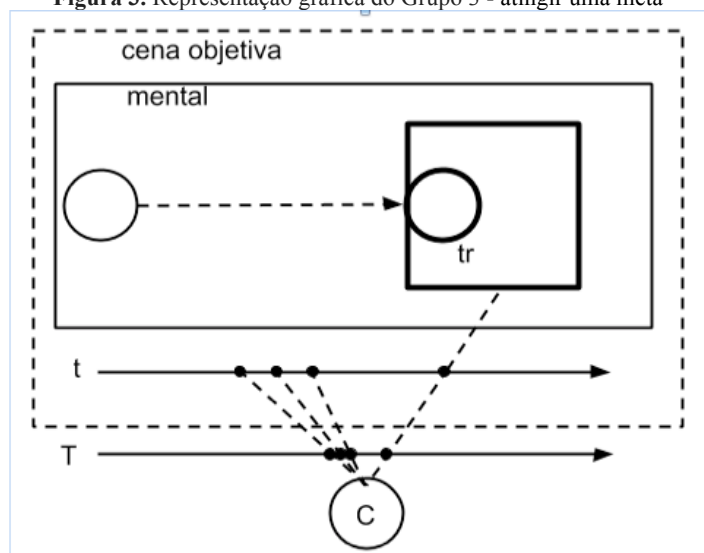
Conforme o uso de “chegar” se afasta do centro prototípico, o apagamento da dimensão espacial se intensifica, e as características físicas denotadas prototipicamente por esse verbo passam a não desempenhar um papel central na representação dos sentidos mais periféricos. Ao invés de representar uma entidade locada alcançando um locativo, o terceiro grupo de sentidos identificados do verbo “chegar” designa o alcance de determinada meta.

As características do locativo, por exemplo, mudam bastante em comparação com os grupos anteriores de sentido, já que ele deixa de ser um ponto (físico, abstrato ou no tempo) e passa a ser um objetivo, uma meta ou

até mesmo uma série de outros eventos. Desta forma, os elementos originais de espaço e tempo da dimensão espacial são apagados da cena objetiva, permanecendo apenas a ênfase na culminância presente na primeira representação de sentido desse verbo. É possível entendermos essa ênfase dada a um elemento da significação de “chegar” no terceiro grupo de sentidos como uma projeção metonímica, em que é referido o todo (esquema de movimento pressuposto em “chegar”) pela parte (destino/meta). Outra interpretação possível para este grupo de sentido é que ele seja desencadeado por uma associação metonímica, semelhante à gramaticalização de “be going to” no inglês (SILVA, 2012), induzida contextualmente, entre “movimento em direção a um locativo” e a “intenção” de chegar a esse locativo, que passa a ser conceptualizado como uma meta. Neste contexto, a associação metonímica faz com que um significado frequentemente associado a uma construção se torne um significado dessa construção.

Tal extensão de sentido do verbo “chegar” pode ser associada, ainda, à metáfora de estrutura de evento, proposta por Lakoff (1990), segundo a qual ações que levam a um objetivo são compreendidas em termos de um movimento espacial em direção a um destino. De acordo com o autor, diferentes elementos da estrutura de um evento são compreendidos metaforicamente em termos de espaço, movimento e força, licenciando mapeamentos metafóricos como, por exemplo: processos são movimentos, objetivos são destinos e meios são caminhos para o destino. Esses mapeamentos podem, portanto, estar subjacentes ao uso de “chegar” com o sentido de “atingir determinada meta”, representado pela figura 3.

Figura 3. Representação gráfica do Grupo 3 - atingir uma meta



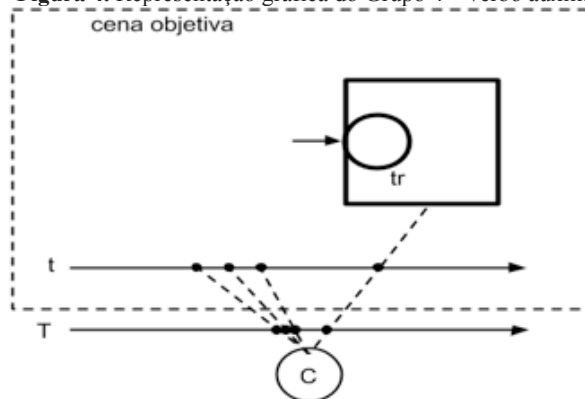
Apesar de diferentes teóricos argumentarem a favor de explicações baseadas prioritariamente na metáfora ou na metonímia para os processos de gramaticalização, entendemos, concordando com Silva (2012), que metáfora, metonímia, inferenciação desencadeada e subjetificação não devem ser

entendidos como mecanismos alternativos, mas complementares ao longo de todo o processo.

Por fim, temos os usos do verbo “chegar” como forma gramaticalizada. Tal construção é formada por “chegar + a + infinitivo”. Nesses casos, observamos, em consonância com Bertucci e Foltran (2007), que o aspecto resultativo desse verbo se preserva. Porém, ele passa a manter a acionalidade do verbo principal, conservando a seleção e a restrição que cada classe faz. Essa característica é ilustrada no desenho abaixo através da ausência da representação do percurso, restando apenas a flecha que indica a culminância do movimento presente nos outros sentidos.

Traçando, mais uma vez, um paralelo à explicação de Langacker (1990, 1999) para a gramaticalização de “be going to”, podemos afirmar que a construção “chegar + a + infinitivo” surge quando o conceptualizador escaneia mentalmente o movimento, não no espaço, mas no tempo, e esse escaneamento mental se torna saliente na perspectiva do conceptualizador, ao invés do movimento no espaço ao longo de um percurso, o qual é debilitado semanticamente até perder qualquer saliência objetiva. Essa atenuação semântica aliada à associação metonímica explorada no terceiro grupo de sentidos licencia o uso de “chegar” como verbo auxiliar, cuja contribuição para a construção verbal em que aparece é a preservação do aspecto resultativo, ou seja, a ação veiculada pelo verbo no infinitivo passa a ser “resultado” (obtenção da meta) de um processo (movimento subjetivamente escaneado ao longo do tempo).

Figura 4. Representação gráfica do Grupo 4 – verbo auxiliar



Por fim, resta destacarmos a presença de um contínuo entre o sentido mais concreto (grupo 1) e o mais abstrato (grupo 4), o qual indica um processo de gramaticalização em andamento. Procuramos, ao longo das nossas análises, destacar os possíveis mecanismos cognitivos atuantes nesse processo, a saber: metáforas, metonímias e subjetificação.

4 Reflexões e encaminhamentos

Neste artigo, foi apresentada uma análise da expansão de sentidos do verbo “chegar” em textos escritos por alunos de ensino médio integrado a cursos técnicos de Institutos Federais localizados no Rio Grande do Sul. A descrição dos usos dessa forma verbal a partir do ponto de vista da Gramática Cognitiva se mostrou produtiva para uma melhor compreensão das ocorrências presentes nas produções analisadas, visto que tal arcabouço teórico possibilitou a categorização dos usos e a descrição dos seus diferentes grupos de sentido.

Ao longo deste estudo, buscou-se, ainda, explorar como processos metafóricos e metonímicos interagem e licenciam/motivam estruturas gramaticais e usos linguísticos no PB. Argumentamos que destacar a atuação de tais processos cognitivos na significação de construções gramaticais é um caminho para melhor compreendê-las, possibilitando a representação de sua rede de sentidos. Além disso, a análise desenvolvida indica que o verbo “chegar” passa por um processo de gramaticalização, o qual também é licenciado pelos processos cognitivos explorados.

Especificamente sobre a construção em que o verbo “chegar” é usado como verbo auxiliar, entendemos que a análise aqui proposta apresenta uma descrição mais precisa se comparada a abordagens tradicionais. Luft (2003), por exemplo, classifica o verbo “chegar” em construções “chegar + a + infinitivo” como verbo transitivo indireto. Entendemos que, se assim o fosse, tal verbo deveria manter as características de *achievement*, o que não acontece, visto que ele se adapta aos verbos principais a que se une.

Por fim, entendemos que este estudo é um passo inicial para a exploração e a descrição de estruturas do PB presentes em textos escritos em aulas de língua portuguesa por alunos de Ensino Médio. A partir de estudos como este, novas abordagens pedagógicas podem ser propostas informadas por descrições como a desenvolvida, considerando as contribuições da Linguística Cognitiva para a reflexão sobre os usos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- BERTUCCI, Roberlei; FOLTRAN, Maria José. O verbo “chegar” como auxiliar no Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos** XXXVI, janeiro-abril, p. 163-170, 2007.
- CROFT, Willian. Construction Grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DIRVEN, René; VERSPOOR, Marjolijn. **Cognitive exploration of language and linguistics**. 2ªed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- FERREIRA, Ediene. Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo chegar. **Veredas**, n.2, p. 168-178, 2011.
- LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?, **Cognitive Linguistics**, n. 1, v.1, p. 39-74, 1990.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and Thought** (2nd edition), Cambridge University Press, 1992.

_____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Cognitive Grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. Grammaticalization and Cognitive Grammar In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LUFT, Celso. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática. 2003

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Entre a gramática de construções e a semântica lexical: em busca de uma explicação cognitivista para a distribuição dos verbos "aparecer", "surgir" e "chegar" no português brasileiro. In: **Guavira Letras**. Três Lagoas/MS, n.21, p. 14-35, jul/dez. 2015.

RADDEN, Günter; DIRVEN, René. **Cognitive English Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.

RIBEIRO, Rosa Maria. A expansão de sentidos do verbo “ficar” e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Vol. II, n. VIII, jan-mar, 2004.

SILVA, Augusto Soares da. Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (orgs.). **História do Português Paulista**. Série Estudos Vol. III. Campinas-São Paulo: UNICAMP/Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2012, 25-44.

TENUTA, Adriana; COELHO, Sueli (Org). **Uma abordagem cognitiva da linguagem** [livro eletrônico]: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018.

VIEIRA, Maria José. Variação das preposições em verbos de movimento. **SIGNUM: Est. Ling., Londrina**, v. 12, n. 1, p. 423-445, jul., 2009.

Recebido em julho de 2019.

Aprovado em agosto de 2019.

Publicado em setembro de 2019.

SOBRE OS AUTORES

Maitê Moraes Gil é mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período de Doutorado Sanduíche na University of Birmingham (PDSE-Capes). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Cognitiva. É professora no IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) - campus Osório e, atualmente, realiza o seu pós-doutoramento em Linguística na Universidade Católica Portuguesa.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2814-2540>

E-mail: maitegil11@gmail.com

Julia Ferri Pinto é graduanda de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) no IFRS – Campus Osório. É membro do Grupo de Pesquisa ELLOS, desenvolvendo investigações especialmente na área de Linguística Cognitiva.

Vitor Angelo dos Santos Gowêa é graduando de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) IFRS - Campus Osório. É membro do Grupo de Pesquisa ELLOS, desenvolvendo investigações especialmente na área de Linguística Cognitiva.